

REENCONTRO
literatura

Jack London

Caninos Brancos

Tradução e adaptação de

Laura Bacellar

Ilustrações de

Kako



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Adilson Miguel

Editora assistente
Fabiana Miotto

Revisão
Gislene de Oliveira
Paula Teixeira

Edição de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramação
Rafael Vianna

Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

www.atिकासcipcione.com.br
atendimento@aticascipcione.com.br

Adaptado de *White Fang and the Call of the Wild*.
Londres: Penguin, 1994.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

London, Jack, 1876-1916.

Caninos Brancos / Jack London; tradução e adaptação de Laura Bacellar. – São Paulo: Scipione, 2008. (Série Reencontro literatura)

Título original: *White Fang and the Call of the Wild*.

1. Ficção – Literatura juvenil I. Bacellar, Laura. II. Título. III. Série.

08-09591

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção – Literatura juvenil 028.5

• ● •

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• ● •

SUMÁRIO

<i>Quem foi Jack London?</i>	5
1. À caça de comida	7
2. A loba	12
3. A fome	20
4. A batalha.	26
5. O ninho	31
6. O lobinho cinzento	36
7. Os fazedores de fogo.	43
8. A submissão	52
9. O solitário.	56
10. O pacto	59
11. Inimigo dos seus.	63
12. O lutador	68
13. O indomável.	73
14. A longa jornada	78
15. A vida no sul.	81
<i>Quem é Laura Bacellar?</i>	88

QUEM FOI JACK LONDON?

A vida de Jack London, pseudônimo de John Griffith Chaney, mais parece um de seus movimentados romances de aventura. Nascido em São Francisco, em 12 de janeiro de 1876, escreveu mais de cinquenta livros, dentre os quais o clássico *O chamado selvagem*, que conta uma história que espelha a relatada em *Caninos Brancos*, de um cão que se torna lobo.

Jack não conheceu o pai, que abandonou a esposa quando soube que estava grávida, e passou a infância em meio a muita pobreza. Aos quatorze anos tornou-se operário, depois tentou ganhar a vida como jornalista, varredor, balconista, catador de ostras clandestino e empregado numa tecelagem de juta. Aos dezessete anos embarcou num navio como marujo em direção ao Japão e às ilhas Bonin, escrevendo depois um conto sobre um tufão na costa japonesa que foi premiado pelo jornal *San Francisco Morning Call*. Percorreu os Estados Unidos de carona em trens de carga, foi preso por vagabundagem e, aos 21 anos, juntou-se à multidão de homens que correu ao Canadá para tentar a sorte nas minas de ouro. Não conseguiu uma pepita sequer, mas sua experiência naquela região gelada rendeu-lhe o sucesso literário nas muitas histórias que contaria tendo o norte gelado como cenário.

Sempre disposto a aventuras, Jack London viajou pelo mundo todo e escreveu como um operário, sentando-se à sua mesa por oito horas diárias para produzir contos, crônicas, artigos e romances, não importando onde estivesse. Sua infância difícil deixou marcas, sendo acometido por depressão e dado a beber em demasia. Foi desastrado nos negócios, mas viveu como seus personagens, com brio até a morte em 22 de novembro de 1916, com apenas quarenta anos, no Rancho do Lobo, que ainda não tinha acabado de construir na Califórnia.



1

À caça de comida

A floresta de abetos se estendia dos dois lados do rio congelado. As árvores tinham perdido sua cobertura de neve por conta de um vento recente e estavam negras na luz do final do dia. Um silêncio profundo envolvia toda a paisagem. Era inverno no Ártico. Parecia que tudo naquela terra desolada, gelada, sem movimento, estava morto.

Mas não estava. Uma fileira de cães com aparência de lobos puxava um trenó pelo leito do rio congelado, o vapor de sua respiração visível no ar e transformando-se em gelo brilhante em seus longos pelos. O pesado trenó levava uma longa caixa e vários utensílios de acampamento, como cobertores, um machado, um bule e uma frigideira. Na frente do trenó um homem caminhava com largos sapatos

de neve e atrás seguia um outro. Dentro da longa caixa ia um terceiro, que não precisava mais se esforçar para nada. O norte selvagem havia vencido a batalha contra o homem. Como quase tudo ao redor, ele estava frio e imóvel.

Os dois homens ainda vivos caminhavam sem conversar, hora após hora. O pálido e curto dia polar, que tinha passado sem que o sol se mostrasse acima do horizonte, estava aos poucos terminando quando eles ouviram um uivo. Parecia o protesto de uma alma penada, tão longo e agudo foi o chamado, mas os dois homens detectaram também a fome do animal que chamava.

Olharam um para o outro por cima do caixão. Um outro uivo encheu o ar, vindo de trás deles. Um terceiro respondeu, em algum lugar na neve que eles tinham acabado de atravessar.

– Eles estão atrás da gente, Bill – disse o homem da frente com a voz rouca de quem não falava fazia tempo.

– Não tem muita caça – respondeu seu colega. – Faz dias que não vejo o rastro de coelhos.

Não falaram muito depois disso, mas ficaram de ouvidos alertas para os uivos de caça que vinham de trás deles.

Quando escureceu, os dois homens conduziram os cães até um aglomerado de abetos na margem do rio e montaram acampamento. O caixão colocado na beira do fogo serviu de mesa e assento. Os cães do outro lado da fogueira rosnavam entre si mas não mostravam nenhuma vontade de aventurar-se pela noite.

– Olhe só, Henry – disse Bill. – Hoje eles não querem sair de perto de nós.

Henry concordou enquanto colocava um bloco de gelo para derreter dentro do bule de café:

– Eles preferem comer do que virar comida. Muito espertos, esses cachorros.

Bill sacudiu a cabeça.

– Sei não – disse, enquanto mastigava seus feijões.
– Você reparou na barulheira que fizeram quando fui dar o jantar deles?

– Estão agitados – respondeu o colega.

– Quantos cães nós temos, Henry?

– Seis.

– Bem – refletiu Bill. – Eu tirei seis peixes do saco e dei um para cada cachorro. Mas ficou faltando um peixe.

– Você contou errado.

– Conte certo, mas ficou faltando o peixe do Sem Orelha. Tive de pegar mais um para ele.

– Nós só temos seis cachorros.

– Mas nem todos eram cães na hora em que dei a comida. Um saiu correndo pela neve.

Henry olhou para o companheiro de viagem com pena.

– Acho que você está impressionado com a carga que estamos levando. Está vendo coisas.

– Também achei, por isso fui olhar o chão. Conte nossos cachorros e vi rastros na neve. Pode ir olhar.

Henry acabou de comer e tomou uma caneca de café. Um longo uivo atravessou a noite.

– Você acha que foi um deles?

Bill concordou, enquanto novos uivos vinham de todos os lados. Jogou mais lenha na fogueira e acendeu seu cachimbo.

– Esse camarada aí tem mais sorte que a gente – apontou para o caixão. – Duvido que alguém sequer ponha pedras em cima do meu cadáver quando eu morrer.

– Nós não temos posses como ele. Um funeral a longa distância não é para gente como nós – comentou Henry.

– Queria saber o que um sujeito rico como esse aí, acho que era um lorde, veio fazer nesse fim de mundo.